

A COMUNIDADE PÓS-EXÍLICA E SUA ESCRITURA SAGRADA

Os persas e a comunidade pós-exílica

A entrada triunfal de Ciro II na Babilônia em 539 aC marca o início do império persa. Ele não encontra qualquer resistência por parte dos habitantes e dos poderosos da capital.

A liderança religiosa do templo de Marduc festeja seu mais novo fiel, o próprio Ciro. Também na comunidade dos exilados judeus, ele é coberto dos mais altos elogios.

Ele é declarado “ungido” pelo Deus de Israel para realizar o retorno de seu povo de volta a Jerusalém e devolver a liberdade aos descendentes dos judeus trazidos de Jerusalém em 598 e 587 aC.

Sob os auspícios dos persas, uma comunidade de retornados do exílio nasce dos escombros de Jerusalém. Os persas deixaram a imagem de serem respeitosos com os povos subjugados, estimulando o culto e a cultura das etnias nas mais diferentes províncias e satrapias.

Com isso se forma em Jerusalém uma comunidade que vivia sob a lei mosaica e gozava de autonomia cívico-religiosa. Mesmo assim nada disso nos pode fazer esquecer que 200 anos de domínio persa deixaram terra arrasada para trás. Sua política de liberdade religiosa visava de fato um maior retorno em termos de tributos. Depois de reconstruir templo e muro, Jerusalém e o pequeno território no seu entorno conquista o status de província.

Os descendentes dos que ficaram na terra e foram poupados da deportação estavam mais integrados à província de Samaria. As

animosidades entre judeus e samaritanos devem ter tido sua origem na reconstrução de Jerusalém.

A província de Judá é administrada por um funcionário persa que pode até ser um descendente de judeus. Zorobabel, um remanescente da família real davidida, é nomeado para o cargo em torno de 520 aC; sua tarefa principal é a terminar a obra de reconstrução do segundo templo (Ag 2,1-9; Zc 3,6b-10). Quando além da reconstrução do templo, esperanças messiânicas são depositadas nele, ele desaparece. Terão sido os persas que o convocaram de volta para evitar qualquer movimento de busca por autonomia política? Algumas décadas depois (450 aC), Neemias ocupa o mesmo cargo, mas sua função como administrador se limita a reconstruir os muros e negociar a formação de uma nova província a partir de Jerusalém, a província de Judá, que deixaria de ser distrito da província de Samaria.

Chama a atenção que o cargo de sumo sacerdote ganha força e autoridade. Já ao lado de Zorobabel menciona-se o nome do sumo sacerdote Josué; juntamente com Zorobabel são mencionados como “filhos do óleo”, isto é, ungidos (Zc 4,3). Duas figuras messiânicas? Percebe-se, em todos os casos, que o sumo sacerdote pode exercer suas funções messiânicas. Nas instruções sobre as vestimentas dos sacerdotes do segundo templo, elas se parecem mais como roupas régias do que qualquer outra coisa (Ex 28,1ss).

A partir da ótica dos sacerdotes, a comunidade sacral do segundo templo é vista como realização de promessas proféticas ou até messiânicas. O tempo da presença salvadora está de volta em Jerusalém e, especialmente, no seu templo.

As tradições sacerdotais, que tratam da “tenda do encontro”, sabem da glória e da presença de Deus no templo. Deus voltou a habitar no meio de seu povo para ser seu Deus (Ex 29,45; Lv 9,23-

24); o segundo templo reconstruído e inaugurado em 515 aC é prova dessa certeza.

Uma obra literária, compilada por uma escola sacerdotal, dá testemunho disso; é um documento que ganhou o nome de Escrito Sacerdotal, e é uma das importantes obras que compõe o Pentateuco, começa em Gênesis e chega até o livro de Números. Seu objetivo é mostrar que o Deus criador e libertador do Êxodo não se contenta em ficar num céu distante. Ele quer morar junto de seu povo. O culto é o lugar de encontro deste Deus, criador do universo e criador de Israel, com seu povo na comunidade do 2º templo.

Deus tomou a iniciativa de fazer-se presente nesse lugar e estar aí junto de seu povo. Por que os sacerdotes ainda desenvolvem esse complicado sistema de sacrifícios?

Querem expressar com isso que o contato entre Deus e seu povo não é algo natural. A santidade de Deus e a humanidade não se complementam simplesmente; são até incompatíveis como ensinaram os profetas. É um legado da crítica profética à antropologia e teologia do antigo Israel. Diante da santidade de Deus, um profeta do perfil de um Isaías chega a gritar desesperado: “Ai de mim! Estou perdido!” (Is 6, 5).

Esse sentimento ou essa consciência de indignidade de estar diante de Deus perpassa a teologia sacerdotal depois do exílio. Deus possibilita unilateralmente esse encontro, mas não o faz de forma leviana ou oferecendo graça barata. Ele o faz perdoadando o pecado humano, aceitando incondicionalmente na sua presença um Israel falho e rebelde (“de dura cerviz”, como dizem os sacerdotes).

Ao chegarem diante de Deus com a oferta em mãos, os sacerdotes e a comunidade expressam que, na verdade, eles deveriam estar no lugar dessa vítima ofertada.

A sua condição é de um Israel “estranho no ninho” da santidade e do aconchego de Deus. Essa ambigüidade o acompanha: querer a proximidade deste Deus e ao mesmo tempo rejeitá-la. Se mesmo assim sacerdotes e a comunidade estão aí na presença de Deus, apesar de sua condição de alienação, rejeição e soberba, então é porque ele os quer no seu “ninho” e experimentem esse amor incondicional que os habilita para a vida.

Nos primórdios dessa teologia sacrificial - exílica e pós-exílica - está a consciência de que o encontro com Deus sempre se dá a partir da iniciativa divina. Deus vem em socorro de um Israel incapaz de viver a santidade e de amar incondicionalmente. Deus socializa seus dons com um parceiro humano carente e contraditório. Esta sua condição de alguém que necessita dessa santidade e proximidade divina, e que ao mesmo tempo a rejeita, a comunidade pós-exílica expressa com sua prática de sacrifícios.

Como ela faz isso?

Realizando holocaustos, fazendo oferta pelo pecado ou praticando outras modalidades de ofertas, a comunidade confessa sua condição de quem carece dessa santidade acolhedora. Só assim, ela é convidada para o encontro que Deus possibilitou para seu povo em Jerusalém.

No passado, os profetas foram impiedosos na sua crítica cultural, não poupando os servidores sacerdotais dos santuários no tempo da monarquia: Amós em Betel; Oséias em Gilgal e Betel, Isaías em Jerusalém e Jeremias um século depois em também na capital do sul.

No pós-exílio, Israel elaborou um culto que incorporou tanto a crítica profética quanto a oferta incondicional de salvação, como um Dêutero-Isaías a articulou.

Quanto tempo duraria essa novidade no culto pós-exílico?

Não temos informações precisas sobre a história do culto desse período. Papiros egípcios de Elefantina, uma ilha do rio Nilo, perto de Assuan, documenta que a colônia do 5º século na ilha também dispunha de um templo com um sistema completo de sacrifícios em seus cultos. As comunidades da diáspora, isto é, da dispersão dos judeus ao redor do Mediterrâneo, se orientavam pela comunidade de Jerusalém.

Especialmente de Jerusalém sabemos da presença e participação intensas da classe sacerdotal. Não é por menos que a redação mais importante da Torá / Pentateuco é da responsabilidade de sacerdotes no período persa. Depois dessa visão básica do Escrito Sacerdotal, novas redações vão sofisticando o saber sacerdotal, criando leis de pureza e impureza detalhadas.

Esse poder nas mãos dos sacerdotes em Jerusalém não iria demorar para tornar-se uma nova fonte de perversão da religião e origem de exploração social até. Sacerdotes voltam a integrar a aristocracia da província, uma vez que sua a Lei mosaica é reconhecida tanto como “Lei do Deus dos Céus”, como Neemias a chama, como é aceita como “Lei do rei”, isto é, a Lei do Estado persa.

Desse período provém boa parte dos Salmos que hoje constam no Saltério. Os salmos que cantam a presença salvadora de Deus em Jerusalém; também outros hinos e orações que ainda esperam a manifestação total do reinado de Deus neste mundo. Coleções de Provérbios que ajudavam a lidar com a vida e a ética devem vir desse tempo. Procuram sentido e orientação para o cotidiano para que a vida se realize de fato como encontro com Deus.

Um livreto como o de Jonas trabalha um dos temas de uma comunidade fechada em si e que não quer compartilhar as suas

riquezas religiosas, seu Deus da misericórdia com os vizinhos, até nada amistosos, representados pelos habitantes da Nínive pagã e exploradora. A comunidade pós-exílica tornou-se religião com livros sagrados: a Torá está delimitada; os Profetas, englobando os livros históricos estão praticamente encerrados definidos; o Saltério e os Sapienciais ainda estão avulsos, mas são usados intensamente.

As bases para o judaísmo estão lançadas, a comunidade está sendo administrada por uma aristocracia sacerdotal, representando a autoridade divina com suas instruções. Tudo continuaria desta forma por séculos sem fim, se a história não fosse dinâmica e se os impérios não fossem passageiros como “erva” e como “flor do campo” que murcha, como Dêutero-Isaías já avaliava, sobriamente, o império babilônico de seu tempo (Is 40,6-8). O que valeu para os poderosos babilônios valerá igualmente para o longo império persa.

Com Alexandre Magno em 333 aC, o poder passa para os gregos, iniciando o período helenístico.

O que significará isso para a comunidade judaica com sua relativa autonomia durante o longo período persa?

O período helenístico e a reação judaica

Por alguns tempos a convivência entre a nova cultura urbana e helenística e a cultura judaica não se alteraria muito. Também os helenistas concediam que a Lei do Deus do Céu da comunidade judaica servisse de Lei do Estado para a província da Judéia e sua capital. Quando os helenistas egípcios, os ptolomeus ou lágidas, dominavam a Palestina a partir de Alexandria (até 200 aC), o respeito pelas tradições judaicas ainda era maior. Só recordando o que falávamos na 2ª aula: desse tempo vem a tradução da Torá para o grego – a Septuaginta / os Setenta. Do segundo século, data a sinagoga que arqueologia trouxe à tona em Alexandria.

Agora, quando o poder se transfere para os helenistas sírios, os selêucidas, com seu centro administrativo em Antioquia, a situação piora sensivelmente no 2º século aC. para a comunidade judaica de Jerusalém.

Antíoco IV Epífanes (175-164 aC) assume o governo selêucida com uma enorme dívida em relação aos romanos, além de perder o domínio sobre toda a Ásia Menor. Só lhe resta aproveitar a fragilidade do Egito e assumir suas hiparquias, isto é, suas províncias. Numa das campanhas militares ao Egito, Antíoco IV sobe até Jerusalém para saquear o templo. Acredita encontrar recursos no templo para saldar sua dívida com os romanos. A Judéia estava no horizonte do governante porque causa dos tesouros acumulados nos cofres do templo de Jerusalém. Além das ofertas levadas ao santuário, que geraram essa riqueza, os investimentos da rica classe sacerdotal fizeram do centro religioso de Jerusalém um alvo cobiçável. Antíoco IV conquista o apoio de um partido pró-helenístico entre a aristocracia sacerdotal, o cobiçado cargo de sumo sacerdote é entregue pelos selêucidas mediante promessa de altas somas em dinheiro.

A cidade de Jerusalém transforma-se numa cidade helenística com o nome Antioquia. Os comissários helenísticos, agora dos selêucidas sírios, usam a violência, impondo à força a helenização, tomam judeus como escravos, destroem parte da cidade e erguem a fortaleza Acra para controlar a cidade. No ano de 167 aC, o templo sofre uma de suas maiores agressões, a instalação de uma imagem ao deus Zeus Olímpico, interferindo brutalmente na estrutura de culto do segundo templo. Esse ato de intromissão máxima na cultura e religião judaicas é qualificado pelo autor de Daniel e do livro 1Mac como “abominação desoladora” (Dn 11,31; cf. 1Mac 1,54).

A reação por parte dos fiéis à tradição dos pais não demorou a articular-se. Da classe sacerdotal fiel à Torá, liderado pelo

sacerdote Matatias e seus filhos, nasce a chamada revolta dos macabeus. A partir de sua cidade natal, Modin, nas proximidades de Jerusalém organiza-se uma verdadeira guerrilha que se retira para a região montanhosa e para a região mais desértica ao redor do Mar Morto para combater os exércitos selêucidas e seus destacamentos militares na Judéia. Após a morte de Matatias, seu filho Judas Macabeus assume o comando e, após intensas batalhas, avanços e recuos, os macabeus atingem seu primeiro objetivo em 164 aC: purificar e consagrar de novo o templo e seu altar ao Deus dos judeus. Até hoje esse feito é lembrado na festa de Hannuká. Judas morre em campo de batalha.

Os dois livros dos Macabeus, escritos em grego, retratam esse período e de alguma forma querem dar sustentação ao poder que descendentes dos macabeus assumiram na Judéia.

Outra postura diante da perseguição a judeus pelos selêucidas, encontramos no escrito de Daniel.

O autor de Daniel reconhece nos macabeus um grupo fiel à Torá e a seu Deus, mas parece ter dúvidas, se a revolta macabaica é única via de lutar pela identidade judaica e liberdade religiosa.

Os fiéis, os assideus (de hassidim = fiéis), representados pelo autor de Daniel, não os consideram mais que um “pequeno auxílio” que os fiéis receberão. O verdadeiro socorro para os fiéis virá “sem intervenção de mão humana” (Dn 8,25), isto é, para o grupo que está por detrás do livro de Daniel, o socorro de fato virá de Deus e de seu reino.

A literatura que se desenvolve a partir dessa experiência de agressão máxima, representada por Daniel, é chamada de apocalíptica. Os perseguidos entendem-se como vivendo o momento crucial do desfecho da história. O reino de Deus está por irromper-se e será o alvo para onde caminha a história da humanidade. A partir da promessa de participação nesse reino, os

fiéis alimentam sua resistência até o martírio. Este escrito pode ser datado entre os anos 168-165 aC.

O escrito de Daniel não encerra com o triunfo dos macabeus, nem sabe da festa Hannuká, a festa da purificação do templo que ocorreu em 164 aC.

Terá havido uma separação entre os assídeos pacíficos e apocalípticos e os assídeos da revolução?

A luta dos macabeus, no entanto, não cessou enquanto a Judéia não sacudiu o jugo selêucida, entregando o cargo de sumo sacerdote ao macabeu Jônatas (152), exercendo simultaneamente as funções políticas de rei da Judéia. Mediante intrigas e alianças, o irmão de Jônatas, Simão, torna-se rei em 143 aC com autonomia política; a cidadela de Acra, símbolo do domínio selêucida, finalmente se rende ao poder dos herdeiros dos macabeus, conhecidos como dinastia dos asmoneus.

Os hasmoneus e os grupos no povo judeu

Já chamava a atenção que a luta pela independência da Judéia, como o 1º livro dos Macabeus a retratada não evitou cenas de violência nua e crua. A dinastia que nasce dessa revolta macabaica, com o nome de dinastia hasmonéia, se estabelece com estratégias aproveitando as fragilidades dos opositores selêucidas, ou mesmo, aproximando-se dos romanos em ascensão.

A Judéia, agora respirando ares de liberdade política e religiosa, que duraria 80 anos, paga um preço alto por essa conquista, que não deixa de ser respeitável. Os asmoneus estenderam seu domínio sobre um território equivalente ao do antigo reino davídico salomônico na Cisjordânia e Transjordânia, da antiga Dã ao norte até Bersabéia ao sul.

O poder político é conquistado ou mantido pelos meios espúrios de sempre: o rei Simão é morto pelo próprio genro; o cobiçado cargo de sumo sacerdote parece cargo de confiança do rei, isto quando a mesma pessoa não é simultaneamente chefe político e chefe religioso.

Tudo isso parece muito suspeito a uma comunidade judaica que tem acesso à sua literatura sagrada. Quanto desse patrimônio religioso, construído durante séculos, não deve ter chegado até as comunidades, ajudando-as a elaborar sua própria visão sobre a realidade? As sinagogas não são apenas lugar de oração e de prática da espiritualidade, mas também lugar de estudo das Escrituras e de reunião social.

Em todos os casos, diversos grupos e partidos religiosos, que vão determinar o judaísmo durante o império romano, e talvez até nossos dias, nascem a partir da crise da helenização e do período dos asmoneus que se segue.

Flávio Josefo menciona “três seitas” que têm sua origem na época dos macabeus: os saduceus, os fariseus e os essênios.

Os saduceus, que derivam seu nome do sacerdote Sadoc (2Sm 8,17), entendem-se fiéis à Torá, mas se opõe a idéias apocalípticas como vida eterna, ressurreição e imortalidade da alma. Pertencem à aristocracia sacerdotal. Para manter-se nos altos postos da hierarquia sacerdotal do templo de Jerusalém procuram participar do jogo do poder. Os saduceus talvez tenham sua origem já no tempo da helenização dos selêucidas, mas também durante o poder romano na Palestina “ocupam as primeiras posições hierárquicas” (Flávio Josefo).

O segundo grupo dos fariseus teve sua origem nesse grande grupo dos assideus que se opuseram à helenização forçada empreendida por Antíoco IV.

A partir do desenvolvimento posterior, quando os macabeus se tornam poder na Judéia, distanciam-se ou como diz seu próprio nome, tornam-se perushim / “separados”. Mas de quem? Em primeiro lugar dos pagãos, mas também da maioria com pouca formação a Torá. Tornam-se críticos à política dos asmoneus. O rei Alexandre Janeu (103-76) envolve-se até em lutas contra o grupo dos fariseus. Flávio Josefo menciona a existência de 6000 fariseus no fim do 1º século da nossa era. Procuram moldar sua vida literalmente a partir da Torá, observando as leis de pureza e impureza também no dia a dia. Distinguem-se dos saduceus por terem aderido a doutrinas apocalípticas como ressurreição, reino de Deus, e à crença em anjos e demônios. Os fariseus promovem a discussão como forma de buscar a interpretação oral das Escrituras com o objetivo de atualizá-las. Eles têm em suas fileiras doutores da lei ou rabbis / mestres, escribas e sacerdotes. Na época de Jesus duas escolas se destacam: a de Hillel e Shamai. Após a destruição do templo em 70 dC assumem um importante papel na continuidade do judaísmo.

Os essênios não são mencionados nem no Antigo nem no Novo Testamento, mas é um dos movimentos ou uma seita que influenciou o pensamento e a vida judaica e, conseqüentemente, também a vida das primeiras comunidades cristãs. Seu nome provém de Flávio Josefo essênioi (hessen-hasayá = santo-venrável). Devem sua origem a esse período dos asmoneus, desenvolvendo uma postura crítica em relação à aristocracia dos sacerdotes e às muitas classes sacerdotais atuantes no templo de Jerusalém. Com a descoberta dos documentos de nas grutas de Qumrã em 1947, foi possível conhecer muito da vida e fé dessa comunidade. Entendem-se como “filhos da nova aliança”, subdividindo-se sua comunidade em sacerdotes, levitas e leigos. Em Qumrã, às margens ocidentais do Mar Morto, formaram uma das comunidades regida por leis rígidas de pureza e impureza e cultivando idéias apocalípticas; outros talvez não deixassem suas cidades, vivendo em grupos

menores. As cerimônias constituíam de banhos rituais e de refeições em comum, próprias de uma comunidade que tinha tudo em comum. Alimentavam fidelidade em relação aos demais membros, mas mantinham uma postura de ódio em relação aos de fora. Em todos os casos a descoberta da comunidade dos essênios lançou luz sobre os movimentos de Jesus e de João Batista. Sua produção literária e seus muitos rolos da Sagrada Escritura continuam uma contribuição incalculável para a pesquisa bíblica.

Um grupo, que deve ser mencionado aqui, é o dos samaritanos, nome derivado da antiga cidade de Samaria, capital do reino do Norte destruído pelo assírios em 722 aC (2Rs 17,24-28). Samerina torna-se o nome da província que se forma a partir desse núcleo. Sua população era um misto de vários povos e também de judaítas pobres permaneceram na terra, após a destruição de Jerusalém em 587 pelos babilônios.

Animosidades antigas separavam os judeus que retornaram do exílio e a população da terra, e isto desde a reconstrução do templo por Zorobabel e dos muros por Neemias. A comunidade dos samaritanos sustenta-se sobre cinco pilares: Deus único, infinito e poderoso; Moisés, seu único profeta; a Torá, o Pentateuco Samaritano, a única sagrada escritura; seu templo, construído sobre o monte Garizim (332 aC), como único lugar escolhido por Deus. A ruptura definitiva se dá com a destruição do templo pelo rei hasmoneu João Hircano em 129-128 aC.

Num primeiro momento, Jesus partilha dessa postura de distância e relação aos samaritanos (Mt 10,5), em outros textos ele apresenta samaritanos como modelos na prática do amor (Lc 10,29-37: o bom samaritano).

Concluindo:

1. O retorno possibilitado pelos persas deu origem à comunidade pós-exílica; esta veio a ser um verdadeiro celeiro para a construção de vida e fé judaica. Os persas devolveram a liberdade de organizarem sua vida a partir da comunidade que se reúne em torno do templo. Sua terra, no entanto, continua província persa submetida a pesados tributos.

A comunidade regida pela figura do sumo sacerdote, tendo a Torá como Escritura Sagrada, é sinal da realização dos tempos de salvação anunciados pelos profetas.

2. O culto no templo é encontro com Deus, que voltou a habitar no meio do seu povo. A presença de Deus no meio do povo não é graça barata, mas oferta de vida que liberta para a solidariedade. A comunidade e os sacerdotes, com ofertas e sacrifícios em mãos, declaram sua condição de povo não-aptos para estar diante da santidade salvadora de Deus, que lhes franqueou o acesso à sua presença. Uma teologia sacrificial, cada vez mais sofisticada, desenvolve um código de leis sobre pureza e impureza (a exemplo do livro de Levítico), válido tanto para a vida comunitária quanto para o âmbito doméstico.

3. Uma nova crise se instala na comunidade do templo com a helenização dos judeus. Grupos e partidos, até uma revolução, são organizados como reação. Desde um partido sacerdotal pró-helenístico até uma oposição que resiste pacificamente e outra que vai à luta armada aparecem num cenário marcado pela invasão do espaço sagrado com a imagem do Zeus Olímpico.

4. Quando finalmente a revolução macabaica reconquista a liberdade de volta e se estabelece como dinastia hasmonéia, a comunidade que nasce desse banho de sangue percebe que a perversão do poder não foi expurgado do templo muito menos do palácio.

Novos grupos se organizam como reação no seio da comunidade judaica dos últimos séculos antes da era comum. Fonte de inspiração para esses novos programas de partidos e seitas judaicas é o tesouro de sua literatura sagrada.

